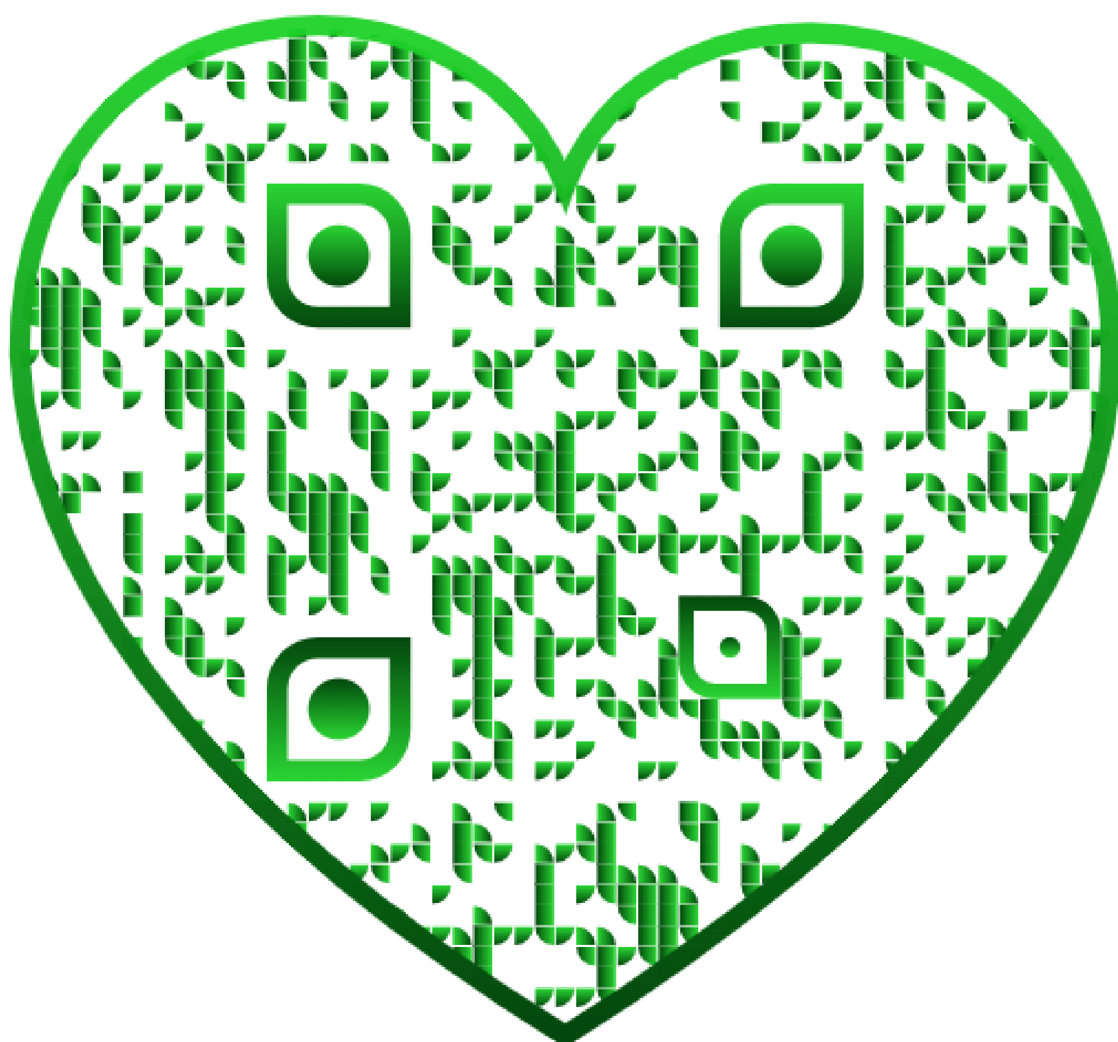
ISAIAH BERLIN

UMA MENSAGEM PARA O SÉCULO XXI





EDITORA ÂYINÉ

Belo Horizonte | Veneza

DIRETOR EDITORIAL ÂYINÉ

Pedro Fonseca

COORDENAÇÃO EDITORIAL

André Bezamat

CONSELHEIRO EDITORIAL

Simone Cristoforetti

PRODUÇÃO EDITORIAL

Fábio Saldanha

EDITORA ÂYINÉ

Praça Carlos Chagas, 49 2° andar

CEP 30170-140 Belo Horizonte

+55 (31) 32914164

www.ayine.com.br

info@ayine.com.br

ISAIAH BERLIN

UMA MENSAGEM PARA O SÉCULO XXI

TRADUÇÃO **André Bezamat**

REVISÃO **Sandra Martha Dolinsky | Mariana Delfini**

TÍTULOS ORIGINAIS:

THE PURSUIT OF THE IDEAL [do *The Crooked Timber of Humanity*]

A MESSAGE TO THE TWENTY-FIRST CENTURY

© 1988 ISAIAH BERLIN

The Pursuit of the Ideal

© 2004 THE TRUSTEES OF THE ISAIAH BERLIN LITERARY TRUST

A Message to the Twenty-First Century

© 1990, 2013, 2014 HENRY HARDY

pela organização

© 2016 EDITORA ÂYINÉ

IMAGEM DA CAPA: Julia Geiser

PROJETO GRÁFICO: Estúdio Âyiné

UMA PRODUÇÃO: Zuane Fabbris Editor

ISBN 978-88-99732-01-1

SUMÁRIO

Capítulo 1 | **A procura do ideal** 7

Capítulo 2 | **Uma mensagem para o século XXI** 28

Biografia 34

Capítulo 1 | **A procura do ideal**

I

Há dois fatos que, na minha opinião, moldaram a história humana do século XX. Um deles é o desenvolvimento das ciências naturais e da tecnologia, certamente o maior sucesso de toda a nossa história – em relação a isso, já se dedicou uma enorme e crescente atenção por toda parte. O outro, sem sombra de dúvidas, consiste no grande vendaval de ideias que mexeu com a vida da humanidade inteira: a Revolução Russa e seus desdobramentos – tiranias totalitárias tanto de direita quanto de esquerda e as explosões de nacionalismo, racismo e, em alguns lugares, de intolerância religiosa, que, surpreendentemente, nem sequer um dentre os mais perspicazes pensadores sociais previra.

Quando nossos descendentes, no prazo de dois ou três séculos (se a humanidade sobreviver até lá), voltarem sua atenção para nossa época, esses dois fenômenos serão tidos, penso eu, como as características mais marcantes de nosso século – os que mais exigirão nossa explicação e análise. Mas, vale ressaltar que esses movimentos surgiram de ideias geradas na mente de pessoas: ideias sobre como as relações entre homens têm se desenvolvido, como estão se dando e o que deveriam se tornar; e vale destacar também como elas vieram a se transformar em objetivos supremos na mente dos líderes, acima de tudo dos profetas com exércitos a seu dispor. Tais ideias são a substância da ética. O pensamento ético consiste justamente no sistemático exame das relações entre os seres humanos, os conceitos, interesses e ideais que surgem a partir da maneira como as interações humanas se dão, assim como do sistema de valores nos quais tais fins são baseados. Essas crenças em como a vida deveria ser regulada, no que homens e mulheres

devem ser e fazer, são objeto de investigação moral; e, quando aplicadas aos grupos e às nações, e mesmo à raça humana como um todo, são chamadas de filosofia política, o que, em verdade, não passa de ética aplicada à sociedade.

Se quisermos realmente buscar entender o mundo, tantas vezes violento, em que vivemos (e, a menos que tentemos entendê-lo, não se pode esperar que saibamos como agir racionalmente a seu respeito e dentro dele), não podemos restringir nossa atenção às grandes forças impessoais, sejam naturais ou produto das ações humanas, que agem sobre nós. Os objetivos e razões que guiam a ação humana devem ser analisados à luz de tudo aquilo que entendemos e sabemos; suas raízes e evolução, sua essência e, acima de tudo, sua validade, precisam ser examinadas de maneira crítica com todo recurso intelectual de que dispomos. Essa necessidade urgente, independente do valor intrínseco da descoberta da verdade no que diz respeito às relações humanas, faz da ética um campo de estudo da maior importância. Somente os bárbaros não têm curiosidade em saber de onde vieram, como chegaram a ser o que são, aonde parecem estar indo, se desejam rumar nessa direção e, se querem, por quê,e, se não, por que não.

O estudo da variedade de ideias sobre as visões de vida que incorporam tais valores e seus fins é algo a que dediquei quarenta anos de minha longa vida, tentando esclarecê-los para mim mesmo. Eu gostaria de dizer alguma coisa sobre como esse assunto absorveu durante tantos anos minha atenção, e especialmente sobre o momentochave que mudou meus pensamentos e meus sentimentos a respeito dele. Isso acabará, de alguma forma, se tornando inevitavelmente uma espécie de autobiografia – por isso, já peço minhas sinceras desculpas, porém não encontro outra forma de me expressar sobre o tema.

II

Quando eu era muito jovem, li *Guerra e paz*, de Tolstói. O verdadeiro impacto que o romance teve em mim só se mostrou mais tarde, junto com o de outros escritores russos, tanto romancistas quanto pensadores sociais, da metade do século XIX. Esses autores contribuíram muito para minha formação. Parecia-me, e na verdade ainda me parece, que o objetivo desses escritores não se concentrava em contar de forma realista a relação entre as pessoas, grupos sociais e classes em seus aspectos sociais e psicológicos – ainda que, obviamente, os melhores deles tenham conseguido exatamente isso, e de forma incomparável. Eu tinha a impressão de que a abordagem deles era essencialmente moral: estavam mais preocupados com a causa da injustiça, da opressão, da falsidade nas relações humanas, do aprisionamento (seja por muralhas de pedra ou pelo conformismo da submissão dócil ao jugo humano), da cegueira moral, do egoísmo, da crueldade, da humilhação, do servilismo, da pobreza, do desamparo, da indignação, do amargor, do desespero por parte de tantos. Em suma, eles estavam preocupados com a natureza de todas essas experiências e com suas raízes na condição humana: as condições da Rússia em primeiro lugar, mas, por conseguinte, de toda a humanidade. E, de maneira inversa, eles almejavam saber o que proporcionaria o oposto de tudo isso, ou seja, um reino da verdade, do amor, da honestidade, da justiça, da segurança, das relações baseadas na dignidade humana, na decência, na independência, na liberdade e no bem-estar espiritual.

Alguns, como no caso de Tolstói, encontraram tudo isso no olhar de pessoas simples, intocadas pela civilização; como Rousseau, ele queria acreditar que o universo moral dos plebeus não era distinto daquele das crianças, livres das distorções convencionais e institucionais da civilização, que se originaram dos vícios humanos – cobiça, egoísmo, cegueira espiritual; que o mundo poderia ser salvo se ao menos o homem visse a verdade que jaz sob seus pés; bastava que olhassem para os evangelhos cristãos, os sermões da montanha. Alguns outros dentre esses russos colocaram sua fé no racionalismo científico ou na revolução política e social

fundada sobre uma verdadeira teoria de mudança da história. Outros, ainda, voltaram-se para as respostas nos ensinamentos da teologia ortodoxa, para a democracia liberal ocidental, ou mesmo para um retorno aos antigos valores eslavos, ofuscados pelas reformas de Pedro, o Grande, e seus sucessores.

O denominador comum de todas essas perspectivas era a crença de que havia soluções para todos os problemas, que alguém poderia encontrá-las e, com uma boa dose de esforços altruístas, realizá-las na terra. Todos eles acreditavam que a essência do ser humano era poder escolher como viver; sociedades poderiam ser transformadas sob a luz de verdadeiros ideais graças a uma boa dose de fervor e de dedicação. Se, como Tolstói, eles achavam algumas vezes que o homem não era verdadeiramente livre, e sim coagido por variáveis fora de seu controle, sabiam muito bem – como o próprio Tolstói– que, se a liberdade fosse uma ilusão, seria, portanto, uma ilusão sem a qual não poderíamos viver ou pensar. Nada disso era parte de meu currículo escolar, que consistia em estudar autores gregos e latinos, mas guardei isso comigo.

Quando ingressei na Universidade de Oxford, comecei a ler as obras dos grandes filósofos e achei que as figuras principais, especialmente no campo do pensamento político e ético, acreditavam em tudo isso também. Sócrates pensava que, se a certeza sobre o mundo exterior pudesse ser estabelecida em nosso conhecimento por métodos racionais (Anaxágoras não tinha chegado à verdade de que a Lua era muitas vezes maior que o Peloponeso, mesmo parecendo muito menor?), esses mesmos métodos racionais iriam, sem dúvida, suscitar igual certeza no campo do comportamento humano – como viver, o que ser. Isso poderia ser atingido pela via dos argumentos racionais. Platão pensava que uma elite de sábios que chegasse a tal certeza deveria receber o poder de governar os outros intelectualmente menos dotados, em obediência aos parâmetros ditados pelas soluções corretas dos problemas sociais e pessoais. Os estoicos defendiam que o

caminho para essas soluções estava ao alcance de qualquer um que se dispusesse a viver de acordo com a razão.

Judeus, cristãos, muçulmanos (eu conhecia muito pouco acerca do budismo) acreditavam que a resposta verdadeira fora revelada por Deus aos seus profetas e santos, e aceitavam a interpretação dessas verdades reveladas pelos professores qualificados e pelas tradições às quais eles pertenciam.

Os racionalistas do século XVII entendiam que as respostas poderiam ser encontradas por uma espécie de insight metafísico, uma aplicação particular da luz da razão da qual todo homem gozava. Os empíricos do século XVIII, maravilhados com as vastas áreas do conhecimento descortinadas pelas ciências naturais calcadas nas técnicas matemáticas – as quais dissiparam tantos erros, superstições, dogmatismos sem sentido –, perguntavam-se, como o fez Sócrates, por que os mesmos métodos não poderiam também funcionar na construção de leis irrefutáveis no campo das relações humanas. Tendo em mãos os novos métodos descobertos pelas ciências naturais, uma ordem também poderia ser introduzida na esfera social – uniformidades poderiam ser observadas, hipóteses, formuladas e comprovadas por meio de experimentos; sobre elas se basearíam leis, e posteriormente essas mesmas leis levariam a leis mais específicas em campos ainda mais circunscritos; por sua vez, essas leis específicas seriam ramificações de outras mais gerais e por aí adiante, até que um sistema completo e harmonioso, todo interconectado por elos lógicos inquebrantáveis e passíveis de serem elaborados em termos precisos – ou seja, matemáticos –, pudesse ser erigido.

A reorganização racional da sociedade decretaria o fim da confusão intelectual e espiritual, da obediência cega aos dogmas não analisados e da estupidez e crueldade cultivadas e promovidas pelos inúmeros regimes opressivos. Bastava identificar as necessidades humanas e descobrir os meios para satisfazê-las, criando o mundo feliz, justo, virtuoso e harmonioso que Condorcet previra de forma tão tocante em sua prisão no ano de 1794. Essa visão é a base de todo o pensamento

progressista do século XIX e estava no centro de todo o empirismo crítico que eu absorvi como estudante em Oxford.

III

Em algum momento, percebi que aquilo que todas essas visões tinham em comum era o ideal platônico: em primeiro lugar, assim como nas ciências, todas as perguntas genuínas precisavam ter uma única resposta verdadeira, sendo, pois, todo o resto necessariamente errado; em segundo lugar, que é preciso existir um caminho específico a ser percorrido para se chegar a essas verdades; e, em terceiro lugar, que essas verdades, quando postas à luz, são necessariamente compatíveis entre si e formam um todo singular, dado que uma verdade não pode ser incompatível com outra – algo que já sabemos *a priori*. Essa espécie de onisciência era a solução de todo o quebracabeça. No caso das morais, poderíamos então conceber como o mundo perfeito deveria ser, fundado, como ele seria, em um entendimento correto das regras que regem o universo.

Na verdade, pode ser que jamais cheguemos a essas condições de conhecimento perfeito – talvez não disponhamos da força de espírito necessária, ou sejamos demasiado corruptos e pecadores para lograr tal feito. Os obstáculos, tanto intelectuais como aqueles de natureza externa, podem se apresentar aos borbotões. Além do mais, as opiniões, como venho argumentando, haviam se diferenciado sobremaneira em relação ao caminho certo a percorrer – alguns o viram na igreja, outros, no laboratório; alguns se voltaram para a intuição, outros, para o experimento, visões místicas ou fórmulas matemáticas. Mas, mesmo que não pudéssemos por nós mesmos alcançar tais respostas, ou melhor, o sistema final que interligasse todas elas, as respostas tinham que existir – caso contrário, as perguntas não seriam reais. As respostas tinham que ser de conhecimento de alguém; talvez Adão no Paraíso as possuísse; talvez somente as vislumbremos no fim dos dias; se os

homens não têm a capacidade de conhecê-las, talvez os anjos a tenham; e, se não estiverem sob os domínios dos anjos, então Deus as possui. As verdades atemporais devem, em princípio, ser conhecidas.

Alguns pensadores do século XIX – Hegel e Marx – achavam que não era assim tão simples. Havia um desenvolvimento histórico, mudança contínua; horizontes humanos alterados em cada passo da escada evolutiva; a história era uma peça de teatro com vários atos; era movida por conflitos e forças, algumas vezes denominadas dialéticas, nos campos tanto das ideias quanto da realidade – conflitos que tomaram forma de guerras, revoluções, violentas insurreições de nações, classes, culturas, movimentos. No entanto, após inevitáveis retrocessos, fracassos, relapsos, retornos à barbárie, o sonho de Condorcet se tornaria realidade. A peça teria um final feliz – a razão humana, já tendo atingido triunfos no passado, não poderia ser constrangida para sempre. Os homens nunca mais seriam vítimas da natureza ou de suas próprias sociedades irracionais; a razão triunfaria, a cooperação universal harmoniosa, a história verdadeira, tudo isso finalmente começaria.

Pois, se isso não fosse verdade, as ideias de progresso e história teriam algum significado? Não haveria um movimento, mesmo que deveras tortuoso, da ignorância para o conhecimento, do pensamento místico e infantil à percepção da realidade *vis-àvis*, do conhecimento de objetivos e valores verdadeiros à verdade dos fatos? Pode a história ser uma sucessão de eventos sem nexo, causados por uma mistura de fatores materiais jogados em uma seleção randômica, uma história cheia de som e fúria sem sentido algum? Isso era impensável. Chegaria o dia em que homens e mulheres tomariam a vida em suas próprias mãos e deixariam de ser seres egoístas ou joguetes de forças ocultas que não compreendiam. Não era impossível, para dizer o mínimo, conceber como seria um paraíso terrestre de tal magnitude; e, se era possível concebêlo, nós tínhamos que, sob qualquer ritmo, tentar caminhar em sua direção. Esse tem sido o centro do pensamento ético desde os visionários gregos aos cristãos da Idade Média, da Renascença ao pensamento

progressista do século passado; e, se pararmos para ver, é a crença de muitos nos dias de hoje.

IV

Em certo ponto dos meus estudos, eu naturalmente me deparei com as maiores obras de Maquiavel. Elas me deixaram uma profunda e duradoura impressão e acabaram influenciando minhas crenças de então. Além dos ensinamentos mais óbvios – por exemplo, como adquirir e manter o poder político, de quais forças e astúcias os governantes devem lançar mão para regenerar suas sociedades, proteger a si mesmos e seus estados dos inimigos internos ou externos, as principais qualidades dos governantes e dos cidadãos para que a convivência fosse cultivada e melhorada –, aprendi com elas algo a mais. Maquiavel não era um historiador: ele acreditava ser possível restaurar algo nos moldes da República romana ou da Roma do antigo principado. Achava que para tal eram precisos uma classe de governantes corajosos, habilidosos, inteligentes e bem-dotados que soubesse como aproveitar oportunidades, e cidadãos que fossem adequadamente protegidos, patrióticos, orgulhosos de seu Estado, ou seja, encarnações das virtudes pagãs. Foi assim que Roma subiu ao poder e conquistou o mundo, e foi a ausência desse tipo de sabedoria, coragem e vitalidade na adversidade, qualidades tanto dos leões quanto das raposas, que no final arrastou o império para seu fim. Estados decadentes foram conquistados por invasores vigorosos que mantiveram consigo essas virtudes.

No entanto, Maquiavel também alinhou com sua teoria a noção de valores cristãos – humanidade, aceitação do sofrimento, desapego mundano e a esperança da salvação na vida após a morte –, deixando claro que, se (e ele se postava totalmente a favor) um Estado nos moldes romanos tivesse que ser erigido, essas qualidades não o promoveriam: aqueles que vivessem sob os preceitos da

moralidade cristã estariam sujeitos a ser esmagados por aqueles que perseguissem implacavelmente o poder e que conseguissem sozinhos recriar e dominar a república por ele visualizada. Ele não condenava as virtudes cristãs; somente apontava que as duas moralidades eram incompatíveis e não reconhecia um critério abrangente pelo qual seria possível deliberar a vida correta para o homem. A combinação de *virtù* e valores cristãos é impossível para ele. Ele simplesmente deixava que cada um escolhe – ele sabia bem sua própria preferência.

Isso plantou em minha mente a percepção, que veio como uma espécie de choque, de que nem todos os supremos valores perseguidos pela humanidade agora e no passado são necessariamente compatíveis uns com os outros. Isso minou meu antigo pressuposto, baseado na *philosophia perennis*, de que não poderia haver conflitos entres as verdadeiras respostas aos problemas centrais da vida.

Foi então que me deparei com Giambattista Vico e sua obra, *Scienza Nuova*. Quase ninguém em Oxford tinha ouvido falar em Vico, mas havia um filósofo, Robin Collingwood, que havia traduzido o livro de Croce sobre Vico, que me instigou a ler seus escritos. Isso me abriu para algo novo. Vico parecia estar preocupado com a sucessão de culturas humanas – toda sociedade tinha, para ele, sua própria perspectiva da realidade, do mundo no qual vivia, de si mesmo e de sua relação com seu passado e com a natureza, essa variável com a qual a primeira sempre se debateu. Essa visão da sociedade está estampada em tudo que seus membros fazem, pensam e sentem – expressa e encarnada nos tipos de palavras, no estilo de linguagem que eles utilizam, nas metáforas, nas formas de adoração, nas instituições que ela gera, que, por sua vez, incorporam e carregam essa mesma visão da realidade e de seu lugar dentro dela; ela existe para honrar esse lugar. Essas visões diferem em cada sucessão de um todo social, onde cada um tem seus próprios dons, valores, modos de criação, incomensuráveis uns em relação aos outros: cada um deve ser entendido em seus próprios termos – entendido, não necessariamente avaliado.

Os gregos homéricos, da classe dominante, como nos conta Vico, eram cruéis, bárbaros, malvados, opressivos com os mais fracos; mas eles criaram a *Ilíada* e a *Odisseia*, coisas que não temos capacidade de fazer em nossos tempos mais iluminados. Suas grandes obras criativas pertencem a eles, e, uma vez que a visão de mundo se altera, a possibilidade de criar algo desse tipo se esvai. Nós, de nossa parte, temos nossa ciência, nossos pensadores, nossos poetas; entretanto, não existe uma escada de ascensão, desde os antigos até os modernos. Assim, é absurdo dizer que Racine é um poeta melhor que Sófocles, ou que Bach é um Beethoven rudimentar. Assim como, digamos, dizer que os pintores impressionistas são o topo da montanha a que os pintores de Florença aspiravam alcançar. Os valores dessas culturas são diferentes, e não necessariamente compatíveis uns com os outros. Voltaire, que acreditava que os valores e ideais dos tempos mais iluminados ao longo da história eram exceções em um mar de trevas – da Atenas clássica, da Florença da Renascença, da França no *Grand Siècle* e de sua própria época –, mas que carregavam entre si uma lógica idêntica, estava na verdade equivocado[1]. A Roma de Maquiavel na realidade nem existiu. Para Vico, o que ocorre é uma pluralidade de civilizações (ciclos repetitivos delas, mas isso não importa agora), cada uma com seus padrões únicos. Maquiavel defendeu a ideia de dois paradigmas distintos; de um lado, havia sociedades com culturas formadas por valores, nas quais os meios não existiam para atingir fins, já que eram os próprios fins. Por outro lado, ele diferenciava as sociedades que miravam fins, e que para cumpri-los, utilizavam todos os meios possíveis. Analisando de perto, percebem-se duas visões de mundo diametralmente opostas, de tal forma que seria impossível uma mínima conciliação.

[1] A concepção de Voltaire de Iluminismo como essencialmente idêntico onde quer que seja alcançado parece conduzir à inescapável conclusão de que, em sua visão, Byron se sentaria de bom grado com Confúcio a uma mesa de almoço, e Sófocles se sentiria perfeitamente confortável na Florença renascentista, assim como Sêneca no salão da madame Du Deffand ou na corte de Frederico, o Grande.

Em seguida, eu naturalmente me voltei para Johann Gottfried Herder, o pensador alemão do século XVIII. Vico propôs uma sucessão de civilizações, porém Herder ia além e comparava culturas nacionais em várias regiões e períodos, argumentando que cada sociedade tinha o que ele descreveu como centro de gravidade, que era diferente para cada uma. Se, como ele almejava, realmente quiséssemos entender as sagas escandinavas ou a poesia da Bíblia, não poderíamos aplicar a eles os critérios estéticos dos críticos da Paris do século XVIII. As formas de os homens viverem, pensarem, sentirem, falarem uns com os outros, as roupas que vestem, as músicas que cantam, os deuses que veneram, a comida que ingerem, os pressupostos, os costumes, seus hábitos intrínsecos – é isso que cria uma comunidade capaz de manifestar de formas peculiares todas essas variáveis. Mesmo que possam parecer umas com as outras de várias maneiras, a verdade é que os gregos são diferentes dos alemães luteranos, e os chineses, de ambos; aquilo que cada um luta para conseguir e o que cada um teme ou adora é raramente similar.

Essa visão tem sido chamada de relativismo moral ou relativismo cultural – foi isso que aquele grande acadêmico, meu amigo Arnaldo Momigliano, por quem tenho grande admiração, supôs em relação a Vico e Herder. Ele estava enganado. Isso não é relativismo. Membros de uma cultura, graças a um esforço imaginativo, podem compreender (o que Vico chamou de *entrare*) os valores, os ideais, as formas de vida de outra cultura ou sociedade, mesmo aquelas mais remotas no tempo e espaço. Podem até achar incompatíveis esses valores, mas, se abrirem a mente, conseguirão entender como é possível vivenciar a experiência de alteridade, comunicar-se com o outro, conseguindo, assim, viver a própria vida sob seus valores, mas enxergando a realidade sob a ótica de valores que não seus, admirando a completude que toda sociedade exibe em relação à vida.

"Eu prefiro café, você prefere champanhe. Nós temos gostos distintos. Não há nada mais a se dizer." Isso é relativismo. Mas, na visão de Herder, não seria bem isso: eu o descreveria como pluralismo – ou seja, a concepção de que há diferentes

fins que os homens buscam, e que ainda assim são seres bem racionais, completamente humanos, capazes de se entender, de sentir empatia e de obter aprendizados entre si, assim como o fazemos lendo Platão ou os romances do Japão medieval – mundos, percepções, tudo muito distante de nós. Claro que, se não tivéssemos nenhum valor em comum com essas culturas, cada uma das civilizações poderia se manter encerrada em sua bolha impenetrável, impossibilitada de se entender com a outra de qualquer forma; é nisso que a tipologia de Spengler desemboca. Intercomunicação entre culturas no tempo e no espaço é possível somente porque o que nos faz humanos é comum a todas elas e acaba agindo como uma ponte entre todas. Porém, nossos valores são nossos, e os deles são deles. Somos livres para criticar e mesmo condenar os valores de outras culturas, mas não podemos fingir que não os entendemos, nem simplesmente tomá-los como subjetivos, produtos de criaturas em diferentes circunstâncias com gostos diferentes dos nossos, os quais não se comunicam conosco de maneira alguma.

Esse é o mundo dos valores objetivos. Com isso, eu me refiro àqueles fins que os homens perseguem por si só, os quais algumas pessoas tomam como meios. Eu não sou cego aos valores dos gregos – seus valores podem não ser os meus, mas consigo visualizar como seria viver sob tais preceitos. Consigo admirá-los e respeitá-los, inclusive imaginar a mim mesmo perseguindo-os, mesmo que na prática não o faça e não os queira para mim, e, mesmo se os quisesse, pode ser que não conseguisse atingilos. Formas de vida se distinguem. Fins, princípios morais, são vários. Mas não infinitamente variáveis: eles têm que se situar no horizonte humano. Se eles não estão aí, estão, pois, fora da esfera humana. Se eu encontrar homens que adoram árvores não porque elas sejam símbolos de fertilidade ou porque sejam de alguma forma divinas, dotadas de uma vida misteriosa e poderes próprios, ou porque o bosque é sagrado para Atena, mas somente porque são feitas de madeira, e se eu lhes perguntar por que adoram a madeira e eles somente disserem "porque é madeira", e não derem outra resposta – eu não saberei o que

querem dizer. Se eles são humanos, não são seres com os quais eu possa me comunicar – existe uma verdadeira barreira entre nós. Eles não são humanos para mim. Eu não posso nem chamar seus valores de subjetivos se nem consigo conceber como seria viver tal vida.

O que é claro é que valores podem se repelir – é por isso que civilizações são incompatíveis. Eles podem ser incompatíveis entre culturas, entre grupos em uma mesma cultura ou entre mim e você. Você acredita em sempre dizer a verdade, incondicionalmente: eu não, pois creio que algumas vezes ela pode ser dolorosa e destrutiva. Nós podemos discutir nossos pontos de vistas, podemos tentar encontrar um denominador comum, mas, no final, a verdade é que aquilo que você busca na vida não se alinha com os fins aos quais dedico toda a minha vida. Valores muitas vezes podem se chocar no peito de um único indivíduo; e disso não deriva a conclusão de que uns são falsos e outros, verdadeiros. A justiça, justiça realmente vigorosa, é para algumas pessoas um valor absoluto, mas não é compatível com outros tantos – compaixão, piedade –, como se percebe em alguns casos concretos.

Tanto a liberdade quanto a igualdade estão entre os valores mais perseguidos pelos seres humanos ao longo dos séculos; mas a liberdade total para os lobos significa a morte para as ovelhas; a liberdade total do poderoso, do talentoso, não é compatível com os direitos a uma existência decente para os mais fracos e menos dotados. Um artista, para criar uma obra-prima, pode optar por viver a vida de uma maneira que leve sua família à miséria e pobreza, condições às quais ele pode ser indiferente. Podemos condená-lo e declarar que sua obra-prima deveria ser sacrificada em favor das necessidades humanas ou podemos ficar do seu lado – porém, ambas as atitudes representam valores que para alguns são últimos em si, e inteligíveis para todos nós se tivermos empatia, imaginação ou compreensão dos seres humanos. Equanimidade pode exigir o controle da liberdade daqueles que desejam dominar; a liberdade – pois que sem o mínimo dela não teríamos escolha, e, portanto, não haveria possibilidade de seguir sendo humanos tal como

concebemos a denominação – talvez tenha que ser cerceada para dar lugar ao bem-estar social, para dar de comer aos famintos, para abrigar os sem-teto, para abrir espaço à liberdade de outros, para permitir que se exerça a justiça.

Antígona se confrontou com um dilema para o qual Sófocles sugeriu uma solução, Sartre ofereceu outra, enquanto Hegel propôs uma "sublimação" em um nível mais elevado – pobre conforto para aqueles que estão agonizando sob dilemas dessa natureza. Espontaneidade, uma qualidade humana maravilhosa, não é compatível com a capacidade de organizar e planejar, com os cálculos engenhosos que nos levam a que, como e onde – dos quais depende o bem-estar de toda a sociedade. Estamos todos cientes das alternativas desesperadoras do passado recente. Deveria um homem resistir a uma tirania a todo custo, sacrificando a vida de seus pais e filhos? Deveriam crianças ser torturadas para que se extraiam informações que levem a traidores e criminosos perigosos?

Esses choques de valores são próprios de sua essência e de nossa essência humana. Se nos dizem que essas contradições serão resolvidas em um mundo perfeito no qual todas as coisas boas poderão ser harmonizadas teoricamente, devemos responder que os significados que eles atribuem a esses valores não são os mesmos que os nossos. Devemos dizer que um mundo no qual valores incompatíveis não estão em conflitos está além de nossa compreensão; que princípios em harmonia nesse outro mundo não são os mesmos princípios que vivemos em nosso dia a dia e com os quais já estamos bem familiarizados; e, se eles sofreram alguma transformação, passaram a significar algo que não existe aqui na terra. E como é na terra que vivemos, é aqui que devemos crer e agir.

A noção de um todo perfeito, a última solução, em que todas as coisas boas coexistem, me parece não só meramente inalcançável – isso é um truísmo –, mas também incoerente conceitualmente; eu não sei o que quer dizer uma harmonia nesses moldes. Alguns dentre os grandes deuses não podem viver juntos. Isso é uma verdade conceitual. Estamos condenados a escolher, e cada escolha carrega consigo

uma perda. Felizes aqueles que vivem sob uma disciplina que aceitam sem questionar, que obedecem livremente às ordens de seus mestres, espirituais ou mundanos, cuja palavra é totalmente aceita como uma lei sagrada; ou aqueles que tenham, por seus próprios métodos, chegado a convicções claras e intocáveis, que não admitem quaisquer dúvidas, em relação a como ser e o que fazer. Eu só posso dizer que esses que se mantêm nesses leitos confortáveis do dogma são vítimas de uma forma de utopia autoinduzida, faróis que podem bastar para o contentamento, mas não para o entendimento sobre o que é ser humano.

V

Basta de objeções intelectuais, já fatais por si mesmas no que tange à noção de um estado perfeito como objetivo-mor de nossos esforços. Há, contudo, somado a isso, um obstáculo psicológico social de ordem mais prática, que pode ser colocado àqueles cuja simples fé, que vem alimentando a humanidade por tanto tempo, resiste aos argumentos filosóficos de qualquer natureza. É verdade que alguns problemas podem ser resolvidos, algumas males, curados, tanto na vida individual quanto na social. Podemos salvar o homem da fome, da miséria ou da injustiça, podemos resgatar os homens da escravidão e da prisão, e podemos fazer o bem – todo homem tem um senso básico do bem e do mal, não importa a qual cultura pertença; porém qualquer estudo sobre a sociedade mostra que toda solução produz uma nova situação que gera suas próprias novas necessidades e problemas, novas demandas. As crianças obtiveram o que seus pais e avós sempre desejaram arduamente – mais liberdade, mais bem-estar social, uma sociedade mais justa –, mas os velhos males foram esquecidos e as crianças enfrentam novos problemas, proporcionados pelas mesmas soluções dos velhos males. Já essas novas adversidades, mesmo que possam, por sua vez, ser solucionadas, acarretam novas

situações, desaguando em futuras necessidades – e por aí vai, para sempre – imprevisíveis.

Não podemos legislar para consequências desconhecidas de consequências desconhecidas de consequências desconhecidas. Os marxistas nos dizem que, uma vez que a luta esteja ganha e a história verdadeira tenha se iniciado, os novos obstáculos que devem surgir gerarão suas próprias soluções, as quais podem ser pacificamente realizadas pelos poderes unidos de uma sociedade harmoniosa e sem classes. Isso me parece um tipo de otimismo metafísico para o qual não se encontram evidências na experiência histórica. Em uma sociedade onde os mesmos objetivos são universalmente aceitos, os problemas serão somente na ordem dos meios, todos solucionáveis com métodos tecnológicos. Essa seria uma sociedade na qual a vida interior do homem, a imaginação estética, moral e espiritual não teriam lugar. Seria por isso que homens e mulheres deveriam ser destruídos ou as sociedades, escravizadas? Utopias têm seus valores – nada expande tão brilhantemente os horizontes imaginários das potencialidades humanas –, mas isso leva a condutas que podem se provar literalmente fatais. Heráclito estava certo, as coisas não são imóveis.

Então, eu concluo que a própria noção de solução final não só é impraticável, mas também, caso eu esteja correto quanto à inevitabilidade de valores se chocarem, incoerente. A possibilidade de uma solução final – mesmo que esqueçamos o terrível sentido de que essas palavras se impregnaram nos tempos de Hitler – acaba se tornando uma ilusão; e, no caso, uma ilusão extremamente perigosa. Se alguém realmente acredita que tal solução é possível, então obviamente nada o impediria de buscá-la: para tornar a humanidade justa e feliz, criativa e harmoniosa para todo o sempre – o que alguém não pagaria para atingir tal objetivo? Para fazer tamanho omelete, não há limites para o número de ovos a serem quebrados – essa era a fé de Lênin, Trótski, Mao e, até onde sei, de Pol Pot. Como conheço o caminho para chegar à solução final para a sociedade, conhecerei

os caminhos pelos quais conduzir a caravana; e como você é alienado disso tudo que eu sei, não lhe é permitido fazer a menor das escolhas possíveis, visto que o objetivo final é o que conta. Você declara que uma dada política o fará mais feliz, ou mais livre, ou que lhe dará mais espaço para respirar; mas eu sei que está errado, eu sei do que você precisa, sei do que todos os homens precisam; e, se houver resistência baseada na ignorância ou na maldade, então ela deve ser quebrada, e talvez milhares tenham que perecer para que milhões alcancem a felicidade. Qual escolha temos nós, que possuímos o conhecimento, se não nos mostrarmos dispostos a sacrificar todos eles?

Alguns profetas armados buscam salvar a humanidade, e alguns, somente sua própria raça por causa de seus atributos superiores; mas qualquer que seja o motivo, os milhões dizimados em guerras e revoluções – câmaras de gás, gulags, genocídios, todas as monstruosidade pelas quais nosso século será lembrado – é o preço que os homens têm que pagar pelo bem-estar das futuras gerações. Se você deseja seriamente salvar a humanidade, deve endurecer seu coração, não importa o custo.

A resposta a isso foi dada há mais de um século pelo radical russo Alexander Herzen. Em seu ensaio *From the Other Shore*, que não passa de uma nota de obituário da revolução de 1848, ele disse que uma nova forma de sacrifício humano havia surgido em seu tempo, em que seres humanos morriam nos altares das abstrações: nação, Igreja, classe, progresso, as forças da história. Tudo isso fora evocado em seus dias e nos nossos: se eles exigirem a dizimação de seres humanos, devem ser satisfeitos. São essas suas palavras:

> Se o progresso é a meta, para quem estamos trabalhando? Quem é o Moloch, que, quando os guerreiros se aproximam dele, em vez de recompensá-los, se retrai; e, em consolo à exausta e malfadada multidão, berrando morituri te salutant, só pode dar [...] respostas escarnecedoras dizendo que após a morte de todos

> eles tudo será lindo na terra. Você realmente deseja condenar ao papel de cariátides os seres humanos vivos hoje, segurando o chão para que algum dia outros possam bailar [...] ou como escravos de galeras desprezíveis, que, enterrados na lama até os joelhos, arrastam uma barcaça [...] uma meta que é infinitamente remota não é uma meta, somente [...] um engodo; uma meta tem que ser próxima – podendo ser, no mínimo, o salário do trabalhador, ou mesmo o prazer extraído da atividade.

Se podemos ter certeza de uma coisa a respeito de todas essas utopias é da realidade do sacrifício, da agonia e da morte. Não obstante, o ideal pelo qual se morre segue sem ser realizado. Os ovos são quebrados, e o hábito de os quebrar se fortalece, mas o omelete continua invisível. Sacrifícios visando a objetivos de curto prazo, inclusive a coerção, são aceitáveis se o dilema do homem for suficientemente desesperador e requerer tais medidas. Mas holocaustos com a desculpa de metas distantes é um escárnio cruel para com tudo aquilo que os homens possuem de valor, agora e em qualquer época.

VI

Se a velha e perene crença na possibilidade de concretizar a harmonia final é uma falácia, e a posição dos pensadores que resgatei aqui – Maquiavel, Vico, Herder, Herzen – é válida, então, caso aceitemos que alguns Bens Supremos colidam, que alguns deles não conseguem viver juntos, mesmo que outros possam fazê-lo – em suma, que ninguém pode ter tudo, tanto em princípio como na prática –, e que os seres humanos talvez dependam de uma variedade de escolhas mutuamente excludentes: então, como Tchernichevski e Lênin uma vez perguntaram, "O que nos resta fazer?". Como escolhemos a partir de possibilidades? O que e quanto devemos sacrificar para quê? Não há, parece-me, uma resposta clara. Mas os choques, mesmo que não possam ser evitados, podem

ser amortecidos. Podem-se balancear pretensões, alcançar compromissos: em situações concretas, nem todos os pedidos têm a mesma força – não dá para ter tanta liberdade e tanta igualdade; não dá para ter tanta condenação moral e ao mesmo tempo tentar entender a peculiaridade de cada situação; não dá para ter a aplicação total de toda a força da lei e, junto com ela, a prerrogativa da piedade; para alimentar os famintos, abrigar os sem-teto, curar os doentes. Prioridades, nunca finais e absolutas, devem ser estabelecidas.

A primeira obrigação pública é evitar sofrimentos extremos. Revoluções, guerras, assassinatos e medidas extremas podem ser exigidos em situações de desespero. Mas a história nos ensina que suas consequências são raramente as que foram antecipadas; não há garantias e muitas vezes nem uma probabilidade suficientemente alta de que algumas ações nos levem a uma melhora. Nós podemos até correr o risco de ações drásticas, tanto na vida pessoal quanto nas políticas públicas, mas devemos sempre estar cientes e nunca nos esquecermos de que podemos estar errados, de que certeza quanto aos efeitos de tais políticas invariavelmente leva ao sofrimento evitável de inocentes. Dessa forma, temos que nos engajar no que chamamos de *trade offs*: regras, valores e princípios devem ceder entre si em variados graus, dependendo da situação em questão. Soluções utilitárias são, na maioria das vezes, equivocadas, porém, suspeito eu, muitas vezes benéficas. O melhor que pode ser feito, como regra geral, é manter um equilíbrio precário que prevenirá a ocorrência de situações desesperadoras, de escolhas intoleráveis – essa é a primeira exigência para uma sociedade decente; uma pela qual valerá sempre a pena lutar, dado nosso limitado escopo de conhecimento e de nosso entendimento imperfeito dos indivíduos e das sociedades. Certa humildade nesses assuntos é extremamente necessária.

Essa parece ser uma resposta muito direta, não o tipo de coisa pela qual os jovens idealistas desejariam, se preciso fosse, lutar e sofrer, em nome de uma sociedade nova e mais nobre. E, naturalmente, não devemos dramatizar a

incompatibilidade de valores – existe uma enorme gama de amplos acordos entre pessoas em diferentes sociedades ao longo de vários períodos históricos sobre o que constitui o certo e o errado, bem e mal. É óbvio que tradições, percepções e atitudes podem se diferenciar de forma legítima; princípios gerais podem transpor várias necessidades humanas. A situação concreta é quase tudo. Não há escapatória, é preciso decidir enquanto decidimos; os riscos morais não podem, grande parte das vezes, ser evitados. Tudo que podemos pedir é que nenhum dos fatores relevantes seja descartado, que o objetivo que busquemos realizar seja visto como elemento de uma forma de vida como um todo, a qual pode ser melhorada e danificada em função de decisões.

Mas, no fim, nunca se trata de um julgamento puramente subjetivo: ele é, sim, ditado por modelos de vida da sociedade a que alguém pertence, uma sociedade dentre outras, com valores que sejam comuns, que estejam ou não em conflito, para a maior parte da humanidade ao longo da história. Existem, se não valores universais, uma taxa mínima sem a qual as sociedades não conseguiriam nem ao menos sobreviver. Poucos hoje em dia ousariam defender a escravidão, os rituais de morte, as câmaras de gás nazistas ou a tortura de seres humanos por prazer ou por lucro, ou mesmo pelo bem político, ou o dever das crianças de denunciar seus pais, o que as revoluções francesas e russas exigiam, ou uma matança destrambelhada. Não há a menor justificativa para isso. Mas, por outro lado, a receita para a perfeição me parece a fórmula para o derramamento de sangue, ainda que receitada pelo maior dos idealistas, com o mais puro dos corações. Até Immanuel Kant, o mais rigoroso dos moralistas que já existiu, disse, em um momento de iluminação, “do tronco torto do gênero humano, nada reto poderia sair”. Forçar as pessoas para dentro de uniformes impecáveis exigidos pelos esquemas dogmaticamente aceitos é quase sempre o caminho para a desumanidade. Podemos fazer somente o que podemos: no entanto, temos que fazer, mesmo contra todas as dificuldades.

Naturalmente que choques políticos e sociais ocorrerão; o mero conflito de valores positivos por si só faz com que isso seja inevitável. Mesmo assim, eu acredito que possam ser minimizados, caso se promova e preserve um equilíbrio, que é sempre ameaçado e, por isso, necessita reparos constantes – essa é, sozinha, eu repito, a precondição para a existência de sociedades decentes e para os comportamentos morais aceitáveis, sob pena de nos perdermos no caminho. Uma solução um tanto quanto sem graça, você pensará. Não é o tipo de coisa que clama por uma ação heroica e de líderes inspirados. No entanto, se houver alguma verdade nessa visão, talvez ela já valha a pena. Um eminente filósofo americano de nossos tempos uma vez disse que, *a priori*, não há uma razão para crer que a verdade, quando descoberta, vai se provar interessante[2]. Seria suficiente se ela se provasse verdadeira, ou mesmo uma aproximação disso; consequentemente, eu não me sinto culpado por defender tal ponto de vista. A verdade, disse Tolstói, "foi, é e sempre será linda"[3]. Eu não sei se é bem assim no campo da ética, mas me parece perto o suficiente daquilo em que a maioria de nós quer acreditar para não ser sutilmente deixada de lado.

---

[2] "If the truth should be complex and somewhat disillusioning, it would still not be a merit to substitute for it some more dramatic and comforting simplicity."[Tradução livre: Se a verdade for complexa e de alguma forma decepcionante, ainda assim não seria um mérito substituí-la por uma simplicidade mais dramática e reconfortante] C. I. Lewis, *Mind and the World-Order: Outline of a Theory of Knowledge*. Nova York: Dover, 1929, p. 339.

[3] Tolstói, *Sevastopol in May*, cap. 16.

Capítulo 2 | **Uma mensagem para o século XXI**

Em 25 de novembro de 1994, Isaiah Berlin aceitou o grau honorário de doutor em leis da Universidade de Toronto. Ele preparou o seguinte "credo breve" (como ele mesmo o chamou em uma carta a um amigo canadense[1]*) para a cerimônia, na qual o texto foi lido em seu nome.*

"Foi a melhor das épocas, foi a pior das épocas." Com essas palavras, Dickens inicia seu famoso romance *Um conto de duas cidades*. Mas, infelizmente, esse não é o caso de nosso terrível século. Os homens vêm destruindo uns aos outros através dos milênios, mas os feitos de Átila, o Huno, Genghis Khan, Napoleão (este, que nos apresentou ao extermínio em massa nos tempos de guerra) ou até mesmo o massacre armênio murcham em insignificância diante da Revolução Russa e suas ramificações: a opressão, a tortura, assassinatos que podem ser lançados na conta de Lênin, Stálin, Mao, Pol Pot e a sistemática falsificação de informação que impedia que todas essas atrocidades se tornassem de conhecimento público – isso sim foi sem paralelo na história. Esses não foram desastres naturais, mas crimes perpetrados por homens que poderiam ter sido evitados, independente do que pensam os mais empedernidos deterministas históricos.

Falo do meu ponto de vista, e sou um homem bastante velho, vivi quase o século todo. Minha vida foi serena e segura e me sinto quase envergonhado por isso diante do que aconteceu com tantos outros seres humanos. Não sou um historiador, por isso não posso falar com autoridade sobre as causas desses acontecimentos horríveis. Mas talvez eu possa tentar.

---

[1] Para John Roberts, 5 dezembro 1994.

Eles não foram, em minha opinião, causados pelos sentimentos negativos mais mundanos dos seres humanos descritos por Spinoza, quais sejam: medo, cobiça, ódio tribal, inveja, amor pelo poder; apesar de obviamente cada um deles ter contribuído à sua maneira. Na verdade, foram consequência de ideias, ou melhor, de uma ideia em particular. É de certa forma paradoxal que Karl Marx, que sempre menosprezou a importância das ideias em comparação com as sempre indiferentes forças econômicas e sociais da história, tenha, por meio de seus escritos, transformado o século XX de forma tão maciça, tanto na direção que ele almejava quanto, por reação, em seu contrário. O poeta alemão Heine, em uma de suas famosas obras, nos impele a não subestimar o filósofo silencioso abstraído em seus estudos; se Kant não houvesse desossado a teologia, argumenta ele, Robespierre provavelmente não teria decapitado o rei da França.

Ele previu que os discípulos armados dos filósofos alemães – Fichte, Schelling e outros paladinos do nacionalismo alemão – destroçariam eventualmente os grandes monumentos da Europa Ocidental com tal fúria destruidora que fariam a Revolução Francesa se rebaixar a uma categoria de lendas infantis. Por mais que soe como uma injustiça para com os metafísicos teutônicos, a verdade é que o fulcro das ideias de Heine apresenta uma solidez desconcertante: de maneira distorcida, a ideologia nazista foi produto do anti-iluminismo alemão. Há homens que matam e ferem com uma consciência assaz tranquila sob a blindagem de palavras e escritos daqueles que possuem a fé inabalável de que a perfeição pode ser alcançada.

Posso explicar: se você estiver convencido de que existe uma solução para todos os problemas humanos e de que alguém possui uma visão de uma sociedade que pode se concretizar apenas seguindo certos passos por vez, você e seus seguidores necessariamente garantirão que nada no caminho atrapalhe o trajeto em direção ao suposto paraíso na terra. Obviamente, só os estúpidos ou os de má-fé se colocariam contra tal empreitada, e as palavras da persuasão lhes seriam oferecidas. Caso esses alienados não fossem tocados pela "verdade", leis sob medida seriam

criadas para cerceá-los; caso o império das leis se demonstrasse abstrato em demasia, a força da violência viria em seu respaldo; em última instância, lançar-se-ia mão do terror e da carnificina. Lênin passou a acreditar nisso depois de ler *O capital* e pregava assiduamente que uma sociedade mais justa, pacífica, feliz, livre e virtuosa poderia ser erigida graças a suas instruções, de forma que os fins justificava todo e qualquer meio que precisasse ser usado.

O que sustenta essa convicção é a ideia de que existe uma única resposta para as aflições humanas, tanto no plano social quanto no individual, e que cabe a nós descobrila. Uma vez vinda à luz, cabe a nós implementá-la, e seus descobridores são os líderes cujas palavras possuem força de lei. A ideia de que para cada pergunta genuinamente de ordem filosófica há apenas uma resposta é uma noção antiga na filosofia. Os grandes filósofos atenienses, judeus e cristãos, os pensadores da Renascença e da Paris de Luiz XIV, os reformadores radicais franceses do século XVIII, os revolucionários do século XIX – não importa quão diversa a resposta se apresentasse em cada período ou quais fossem os meios para se chegar a ela (lembrando sempre que guerras foram travadas em função disso), todos estavam convictos de que detinham a resposta e de que nada além dos vícios e da ignorância poderia interromper sua realização.

Essa é a ideia à qual eu me referia, e o que pretendo lhes dizer é que ela é falsa. Não somente devido ao fato de que as diversas escolas defendem soluções distintas entre si e que nenhuma delas pode ser provada sob as lentes racionais, mas também por um motivo ainda mais profundo. Os valores centrais pelos quais os homens viveram ao longo dos tempos, independente da época e da cultura local, por mais que não fossem universais, tampouco eram harmoniosos entre si. Logicamente que alguns valores são congruentes entre si; no entanto, outros não. Os homens sempre almejaram liberdade, segurança, equanimidade, felicidade, justiça, conhecimento e assim por diante. Mas a liberdade completa é incompatível com a equanimidade total – se os homens fossem totalmente livres, os lobos não

teriam amarras que evitassem que devorassem as ovelhas. Uma perfeita equanimidade significa que algumas liberdades humanas devem ser restringidas no intuito de frear os mais habilidosos e mais inteligentes de dominarem os mais frágeis, caso a livre competição fosse posta em prática. A segurança, e mesmo a liberdade, não pode ser preservada se existir para ser subvertida. A verdade é que não é todo mundo que busca segurança e liberdade; do contrário, algumas pessoas não se arriscariam na busca por glórias nas guerras ou mesmo nos esportes radicais.

A justiça sempre foi um ideal humano, mas ela não é inteiramente compatível com a piedade. Imaginação criativa e espontaneidade, uma graça por si mesmas, não podem ser conciliadas plenamente com a necessidade de planejamento, organização e cálculos cuidadosos e meticulosos. O conhecimento, ou seja, a procura pela verdade, o mais nobres dos objetivos, não pode ser alinhado com a felicidade ou com a liberdade que os homens tanto desejam, uma vez que, quando eu souber que sofro de uma doença incurável, tal consciência não me deixará mais radiante ou mais livre. Deverei sempre escolher: entre paz e diversão, conhecimento ou a santa ignorância. E por aí vai.

Sendo assim, o que se pode fazer para segurar os campeões, algumas vezes um tanto quanto fanáticos, de alguns desses valores, uma vez que cada um tende a sobrepujar o outro, assim como os grandes tiranos do século XX o fizeram com a vida, a liberdade e os direitos humanos de milhões porque seus olhos estavam voltados para um suposto futuro dourado e definitivo?

Infelizmente, temo não ter na manga uma resposta retumbante para essa questão: somente creio que, se realmente estamos em busca desses valores mais etéreos da condição humana, necessariamente somos obrigados a fazer concessões, forjar compromissos, lançar mão de custos de oportunidades e nos organizarmos para que o pior não nos assombre. É muita liberdade para muita equanimidade, assim como muito individualismo para tanta segurança, sem mencionar a crescente necessidade de justiça para preencher todo o discurso da compaixão. Meu ponto

básico é que algumas virtudes batem de frente com outras: os fins perseguidos pelos serem humanos são todos gerados pela nossa natureza em comum, mas suas buscas devem ser, de alguma maneira, controladas – a liberdade e a procura pela felicidade, repito, podem não ser totalmente compatíveis uma com a outra, nem a liberdade, a equanimidade e a fraternidade.

É por isso que nos cabe pesar, negociar, nos comprometermos e prevenir o esfacelamento de uma delas pelas mãos de suas rivais. Eu sei bem que essa não é uma bandeira muito atraente, que faria jovens ensandecidos e delirantes marcharem enrijecidos pelos bulevares – parece muito polido, muito razoável, até mesmo muito elitista, de certa sutileza que não atiça o caldeirão de emoções humanas. Mas vocês precisam crer em minhas palavras: ninguém consegue tudo aquilo que deseja – não somente na prática, mas também em teoria. A negação desse fato, a corrida por um único e abrangente ideal que aplacará os males da humanidade, somente nos levará à coerção bruta. Posteriormente, a coerção descambará para a destruição, sangue – ovos são quebrados, porém o vislumbre do omelete não chega, e o que fica é uma infinidade de ovos, vidas humanas, prontos para a quebradeira. No final, os mais ardorosos idealistas acabam esquecendo o omelete, mas seguem quebrando ovos.

Fico contente de atestar, ao fim de minha vida, que uma percepção dessa realidade esteja ficando mais clara. Racionalidade e tolerância, sempre raras na história humana, não são desprezadas. A democracia liberal, apesar da nova corja de fanáticos modernos e do nacionalismo fundamentalista, está se espalhando. As grandes tiranias ou já estão se despedaçando ou caminham firmemente nessa direção – até mesmo a China atual não ficará de fora. Estou contente porque você, a quem me dirijo neste momento, verá o século XXI, uma época que, tenho certeza, será muito melhor para a humanidade do que foi a minha. Eu o felicito por sua sorte grande; sinto-me mal por mim mesmo, que não terei a chance de testemunhar esse futuro brilhante – futuro esse que estou seguro de que virá. Depois de todo o

pessimismo que preguei ao longo dos anos, fico contente por finalizar com uma nota de otimismo. Existem boas razões que a justificam.

BIOGRAFIA

Isaiah Berlin, filósofo e histórico das ideias, sir Isaiah Berlin nasceu em Riga em 1909. Ainda criança mudou-se com a família para São Petersburgo, onde presenciou a Revolução Russa, sucessivamente mudou-se para Inglaterra. Estudou na Universidade de Oxford, onde tornou-se professor de Teoria Social e Política. Morreu em 1997 na mesma cidade de Oxford. Entre seu livros publicados no Brasil estão 'Vico e Herder' (Editora da UNB, 1979), 'Pensadores russos' (Companhia das Letras, 1988) e 'A força das ideias' (Companhia das Letras, 2005).

BIBLIOTECA **antagon!sta**

1. ISAIAH BERLIN | **Uma mensagem para o século XXI**

2. JOSEPH BRODSKY | **Sobre o exílio**

3. E.M. CIORAN | **Sobre a França**

4. JONATHAN SWIFT | **Instruções para os Criados**

5. PAUL VALÉRY | **Maus Pensamentos & Outros**

6. DANIELE GIGLIOLI | **Crítica da Vítima. Um experimento com a ética**

7. GERTRUDE STEIN | **Picasso**

8. MICHAEL OAKESHOTT | **Conservadorismo**

9. SIMONE WEIL | **Pela supressão dos partidos políticos**

10. ROBERT MUSIL | **Sobre a estupidez**

11. ALFONSO BERARDINELLI | **Direita e Esquerda na Literatura**

12. JOSEPH ROTH | **Judeus errantes**